O Empoderamento Feminino na Performance do Bloco Afro Ilú Obá de Min

por Isabela Gatti Pereira Rodrigues*

Há 12 anos, toda noite de sexta-feira que antecede o carnaval, um grupo majoritariamente formado por mulheres percorre as ruas do centro da cidade de São Paulo tocando para os deuses das religiões brasileiras de matriz africana. Atores em pernas de pau e dançarinos estão vestidos como os diferentes deuses africanos, realizando performances que representam os orixás e o tema do carnaval do ano. O público se envolve na energia criada, uma performance que a cada ano mobiliza mais pessoas–nos últimos anos estiveram presentes entre 20 e 40 mil pessoas–e ocorre de maneira pacifica, renovando a energia da cidade. Essa performance é do Bloco Afro Ilú Obá De Min

A história do bloco tem relação com a história de vida de uma de suas fundadoras, presidente e regente, Beth Beli. As experiências de Beth Beli como mulher afrodescendente na sociedade brasileira a fizeram buscar referências de resistência em figuras públicas tais como Nelson Mandela e Martin Luther King Jr. A partir desses ideais de resistência, Beth Beli cria um projeto artístico único e inovador na cidade de São Paulo, por meio do qual a cultura afro-brasileira não se fecha dentro de seu próprio grupo, mas se abre para ser conhecida e respeitada.

Em 2004, ao reunir pessoas com ideais similares aos seus, o Bloco Afro Ilú Obá De Min foi fundado começando com 30 integrantes, e hoje possui quase 400 integrantes. Com o passar do tempo o bloco se tornou a entidade Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra, e a apresentação durante o carnaval é apenas uma de suas atividades. Na língua ioruba–um dos grupos étnicos que podemos encontrar na Nigéria, onde se cultua os deuses africanos conhecidos no Brasil por orixás, *Ilú* significa tambor e *Obá* significa Rei, sendo também uma referência a Xangô nas religiões afro-brasileiras. *De Min* é uma expressão poética criada por Beth Beli para denominar mãos femininas. Sendo assim, o nome do bloco significa “mãos femininas que tocam tambor para o Rei Xangô”.

O bloco possui duas principais missões, empoderar mulheres e desmistificar a cultura afro-brasileira. A primeira missão se realiza através da abertura do bloco para todas as mulheres, e em todos os setores do bloco–bateria, canto, dança e perna de pau. Homens também integram o bloco sendo convidados a fazer parte dos setores de dança e perna de pau, afinal o objetivo não é excluir os homens, mas fortalecer o papel da mulher. Com isso, Ilú Obá De Min faz uma afirmação de gênero em estruturas que

normalmente no carnaval são compostas em sua maioria por homens. Mulheres de todas as idades, etnias e grupos sociais aprendem juntas um instrumento, uma dança e sobre uma cultura, e assim assumem o protagonismo através da arte. Ao longo de sua vida, Beth Beli se empoderou através do tambor e agora compartilha o ensinamento que aprendeu, do legado da cultura africana e afro-brasileira, com outras mulheres para que elas também se fortaleçam.

A segunda missão se dá através da performance com canto dos orixás–conhecidos como xirês–e dos temas de cada ano de carnaval. Os temas são ou relacionados à mitologia dos orixás ou contam a história de mulheres negras que são referência na história do Brasil, mundial ou até mesmo do próprio Ilú Obá De Min. Exemplos como Carolina Maria de Jesus, tema do carnaval de 2015, era catadora de papel que se tornou escritora e teve seu livro "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" (1960) traduzido em 13 línguas, porém no Brasil a autora não recebeu o mesmo reconhecimento; e Nega Duda, tema do carnaval de 2014, cantora do Ilú Obá De Min e sambadeira do recôncavo Baiano.

São histórias que não recebem a devida atenção da sociedade e aqui ganham espaço para serem ouvidas. Dessa forma, o bloco apresenta para o público em geral, quebrando pré-conceitos, o que é a cultura afro-brasileira que encontramos nas tradições religiosas. Por conta da discriminação à cultura afro-brasileira e africana ao longo da história do Brasil, o conhecimento das religiões afro-brasileiras se manteve fechado por muitos anos para se manter vivo. Através da performance e trabalho realizado por Ilú Obá De Min um pouco desse conhecimento se espalha para todos.

O processo de empoderamento da performance do Bloco Afro Ilú Obá De Min é resultado do trabalho feito entorno da representatividade da história e mulher afro-brasileira. Este é um trabalho feito através da força e união de diferentes mulheres para alcançar objetivos comuns. Nesse espaço elas se fortalecem e se transformam em um movimento de troca, seja ele de experiência de vida ou produção artística. É um trabalho em conjunto, de resistência e representatividade de gênero e cultura na sociedade brasileira. A ação que se dá, no caso, através da arte, cria um espaço no qual se pode vocalizar e recontar a história dos afrodescendentes no Brasil, com foco nas mulheres. Beth Beli define um espaço de criação no qual não há exclusões e no qual afrodescendentes não são vítimas, mas sim agentes.

No Ilú Obá De Min o feminino e afro-brasileiro ganham força e beleza. Essas características são claramente visíveis nas imagens criadas pela performance. Os 12

anos que o grupo completa e celebra no carnaval de 2017, são parte de uma década em que cada vez mais ações e projetos estabelecem novas perspectivas sobre essas mesmas questões no Brasil. Este é um discurso que se faz necessário para que haja mudanças positivas na sociedade.

*brasileira, artista visual, pesquisadora e produtora cultural, e educadora. Conheceu o bloco em 2010, se tornando integrante nos carnavais de 2013 e 2014. Realizou pesquisa de campo sobre o grupo durante o carnaval de 2015 para a sua dissertação de mestrado, entregue em 2016 na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Desde 2012 seu foco de pesquisa é em torno da arte e cultura afro-brasileira.